

EÇA DE QUEIRÓS

OBRA RECOMENDADA
Leitura
Autónoma
II.º ano

A CIDADE E AS SERRAS

Prefácio do escritor
José Jorge Letria



 fábula

Índice

Prefácio	7
Capítulo I	11
Capítulo II	29
Capítulo III	43
Capítulo IV	61
Capítulo V	87
Capítulo VI	103
Capítulo VII	119
Capítulo VIII	139
Capítulo IX	187
Capítulo X	227
Capítulo XI	241
Capítulo XII	249
Capítulo XIII	257
Capítulo XIV	271
Capítulo XV	281
Capítulo XVI	285

Prefácio

*Eça dividido entre o campo
e a tecnologia urbana*

Eça de Queirós já não viu publicado o romance *A Cidade e as Serras* porque morreu um ano antes, em 1900, em Paris, cidade que bem conheceu e onde morou e trabalhou. Foi, como diplomata, um dos mais viajados escritores portugueses, de Havana ao Egito, passando por Newcastle e Bristol.

Várias vezes vi a sua discreta estátua na Avenida Charles de Gaulle, no distrito de Neuilly-sur-Seine, um dos mais ricos de Paris. A capital francesa, onde viveu e escreveu durante anos, homenageia-o assim com elegância e bom gosto.

Em *A Cidade e as Serras*, é Zé Fernandes quem conta a história de Jacinto, que nasceu e cresceu em Paris, onde, tendo uma vida abastada, recebeu uma carta de Tormes relatando que uma tempestade destruiu a igreja da sua propriedade, onde tinha vários parentes sepultados. Por isso decidiu voltar à terra.

No regresso, para assistir à inauguração da igreja, estabelece-se, casa e tem filhos. *A Cidade e as Serras* ilustra a fase

pós-realista da sua obra, sendo também uma obra de reflexão sobre o Portugal rural, sobre a condição de ser português e sobre a relação complexa dos portugueses com Paris.

Celebrando o campo, as virtudes da sociedade rural e a qualidade da gastronomia, até porque Jacinto é, em bom português, um «excelente garfo», Eça de Queirós, que começou em Havana a sua carreira diplomática, estando muitas vezes longe de Portugal e sempre a pensar no país que éramos, com as suas virtudes, excessos e excelências, também caracteriza, caricatura e critica a relação da elite portuguesa com a sofisticada capital francesa, que tudo influencia e condiciona, desde a moda até aos hábitos de leitura e de convívio social e político.

Enquanto os anos passam, a gente dos campos, com limitações múltiplas, até da literacia, vai-se radicando na periferia das cidades com uma vida precária e sem horizontes. Portugal era um país composto maioritariamente por analfabetos.

Jacinto vai-se tornando deprimido e pessimista, a ponto de abandonar as suas atividades e de permanecer crescentemente em casa.

Na origem deste romance de despedida está o conto «Civilização», de 1892. A partir desse texto, encontramos um Eça dividido entre o progresso da grande capital — lugar no qual se publicam grandes livros e se apuram as ideias que vão ajudar a mudar o mundo — e o valor da natureza, sempre serena e distante. Estamos assim em presença de um olhar de despedida vindo de quem tanto viajou e tanto mundo conheceu.

Eça de Queirós viveu dividido e repartido entre a cidade e as serras, tendo sido, sobretudo, um homem das grandes cidades, mas com a nostalgia da paz do campo.

A quinta de Tormes, que simboliza essa mitificada tranquilidade rural, encontra-se no extremo oposto do desenvolvimento tecnológico de Paris. Jacinto, que chega a Tormes com a bagagem perdida, por ter tido a contrariedade de ver as malas enviadas para Alba de Tormes, Espanha, chega a delinear um plano de desenvolvimento que passaria pelo investimento na lavoura e pela construção de queijarias. É o sonho utópico do narrador, já em final de vida, prestes a morrer em Paris, com o coração repartido entre a terra que o fascina e a grande cidade que ama, mas que o não ilumina.

Assim, *A Cidade e as Serras* é um livro da razão e do coração, escrito como se fosse um terno testamento de quem foi do mundo sem nunca deixar de ser da terra, dizendo adeus a Paris a partir da paz rural da mansa Tormes, tentando reinventar a sua própria vida, assumindo as inquietações e os desafios tecnológicos e filosóficos que marcaram e moldaram os homens do seu tempo.

Um belo livro para descobrir Eça de Queirós no final da sua vida; um romance que, neste tempo confuso, incerto e cada vez mais dividido entre a tecnologia e as coisas simples do quotidiano, mantém intacta a sua atualidade temática, sempre servida por um estilo de escrita único e inultrapassável. Para ler e reler.

José Jorge Letria

I



O meu amigo Jacinto nasceu num palácio, com cento e nove contos de renda em terras de sementeira, de vinhedo, de cortiça e de olival.

No Alentejo, pela Estremadura, através das duas Beiras, densas sebes ondulando por colina e vale, muros altos de boa pedra, ribeiras, estradas, delimitavam os campos desta velha família agrícola que já entulhava o grão e plantava cepa em tempos de el-rei D. Dinis. A sua quinta e casa senhorial de Tormes, no Baixo Douro, cobriam uma serra. Entre o Tua e o Tinhela, por cinco fartas léguas, todo o torrão lhe pagava foro. E cerrados pinheirais seus negrejavam desde Arga até ao mar de Âncora. Mas o palácio onde Jacinto nascera, e onde sempre habitara, era em Paris, nos Campos Elísios, n.º 202.

Seu avô, aquele gordíssimo e riquíssimo Jacinto a quem chamavam em Lisboa o *D. Galeão*, descendo uma tarde pela Travessa da Trabuqueta, rente de um muro de quintal que uma parreira toldava, escorregou numa casca de laranja e

desabou no lajedo. Da portinha da horta saía nesse momento um homem moreno, escanhoado, de grosso casaco de baetão verde e botas altas de picador, que, galhofando e com uma força fácil, levantou o enorme Jacinto — até lhe apanhou a bengala de castão de ouro que rolara para o lixo. Depois, demorando nele os olhos pestanudos e pretos:

— Oh Jacinto *Galeão*, que andas tu aqui, a estas horas, a rebolar pelas pedras?

E Jacinto, aturdido e deslumbrado, reconheceu o senhor infante D. Miguel!

Desde essa tarde amou aquele bom infante como nunca amara, apesar de tão guloso, o seu ventre, e apesar de tão devoto o seu Deus! Na sala nobre da sua casa (à Pampulha) pendurou sobre os damascos o retrato do «seu Salvador», enfeitado de palmitos como um retábulo, e por baixo a bengala que as magnânimas mãos reais tinham erguido do lixo. Enquanto o adorável, desejado infante penou no desterro de Viena, o barrigudo senhor corria, sacudido na sua sege amarela, do botequim do Zé Maria em Belém à botica do Plácido nos Algibebes, a gemer as saudades do *anjinho*, a tramar o regresso do *anjinho*. No dia, entre todos bendito, em que a *Pérola* apareceu à barra com o Messias, engrinaldou a Pampulha, ergueu no Caneiro um monumento de papelão e lona onde D. Miguel, tornado S. Miguel, branco, de auréola e asas de Arcanjo, furava de cima do seu corcel de Alter o Dragão do Liberalismo, que se estorcía vomitando a Carta. Durante a guerra com o «outro, com o pedreiro-livre», mandava recoveiros a Santo Tirso, a S. Gens, levar ao rei fiambres, caixas de doce, garrafas do seu vinho de Tarrafal,

e bolsas de retrós atochadas de peças que ele ensaboava para lhes avivar o ouro. E quando soube que o Sr. D. Miguel, com dois velhos baús amarrados sobre um macho, tomara o caminho de Sines e do final desterro — Jacinto *Galeão* correu pela casa, fechou todas as janelas como num luto, berrando furiosamente:

— Também cá não fico! Também cá não fico!

Não, não queria ficar na terra perversa de onde partia, esbulhado e escoraçado, aquele rei de Portugal que levantava na rua os Jacintos! Embarcou para França com a mulher, a Sra. D. Angelina Fafes (da tão falada casa dos Fafes da Avelã); com o filho, o ‘Cintinho, menino amarelinho, coberto de caroços e leicenços; com a aia e com o moleque. Nas costas da Cantábria o paquete encontrou tão rijos mares que a Sra. D. Angelina, esguedelhada, de joelhos na enxerga do beliche, prometeu ao Senhor dos Passos de Alcântara uma coroa de espinhos, de ouro, com as gotas de sangue em rubis do Pegu. Em Baiona, onde arribaram, ‘Cintinho teve icterícia. Na estrada de Orléans, numa noite agreste, o eixo da berlinda em que jornadeavam partiu, e o nédio senhor, a delicada senhora da casa da Avelã, o menino, marcharam três horas na chuva e na lama do exílio até uma aldeia, onde, depois de baterem como mendigos a portas mudas, dormiram nos bancos de uma taberna. No Hotel dos Santos Padres, em Paris, sofreram os terrores de um fogo que rebentara na cavaliariça, sob o quarto de *D. Galeão*, e o digno fidalgo, rebolando pelas escadas em camisa, até ao pátio, enterrou o pé nu numa lasca de vidro. Então ergueu amargamente ao céu o punho cabeludo, e rugiu:

— Irra! É de mais!

Logo nessa semana, sem escolher, Jacinto *Galeão* comprou a um príncipe polaco, que depois da tomada de Varsóvia se metera frade cartuxo, aquele palacete dos Campos Elísios, n.º 202. E sob o pesado ouro dos seus estuques, entre as suas ramalhudas sedas se enconchou descansando de tantas agitações, numa vida de pachorra e de boa mesa, com alguns companheiros de emigração (o desembargador Nuno Velho, o conde de Rabacena, outros menores), até que morreu de indigestão, de uma lampreia de escabeche que lhe mandara o seu procurador em Montemor. Os amigos pensavam que a Sra. D. Angelina Fafes voltaria ao reino. Mas a boa senhora temia a jornada, os mares, as caleças que racham. E não se queria separar do seu Confessor, nem do seu Médico, que tão bem lhe compreendiam os escrúpulos e a asma.

— Eu, por mim, aqui fico no 202 — declarara ela —, ainda que me faz falta a boa água de Alcolena... O 'Cintinho, esse, em crescendo, que decida.

O 'Cintinho crescera. Era um rapaz mais esguio e lívido que um círio, de longos cabelos corredios, narigudo, silencioso, encafuado em roupas pretas, muito largas e bambas; de noite, sem dormir, por causa da tosse e de sufocações, errava em camisa com uma lamparina através do 202; e os criados na copa sempre lhe chamavam a *Sombra*. Nessa sua mudez e indecisão de sombra surdida, ao fim do luto do papá, o gosto muito vivo de tornear madeiras ao torno; depois, mais tarde, com a melada flor dos seus vinte anos, brotou nele outro sentimento, de desejo e de pasmo, pela filha do desembargador Velho, uma menina redondinha como uma

rola, educada num convento de Paris, e tão habilidosa que esmaltava, dourava, consertava relógios e fabricava chapéus de feltro. No outono de 1851, quando já se desfolhavam os castanheiros dos Campos Elísios, o 'Cintinho cuspiu sangue. O médico, acarinhando o queixo e com uma ruga séria na testa imensa, aconselhou que o menino abalasse para o golfo Juan ou para as tépidas areias de Arcachon.

'Cintinho, porém, no seu aferro de sombra, não se quis arredar da Teresinha Velho, de quem se tornara, através de Paris, a muda, tardonha sombra. Como uma sombra, casou; deu mais algumas voltas ao torno; cuspiu um resto de sangue; e passou, como uma sombra.

Três meses e três dias depois do seu enterro, o meu Jacinto nasceu.

* * *

Desde o berço, onde a avó espalhava funcho e âmbar para afugentar a *Sorte Ruim*, Jacinto medrou com a segurança, a rijeza, a seiva rica de um pinheiro das dunas.

Não teve sarampo e não teve lombrigas. As Letras, a Tabuada, o Latim entraram por ele tão facilmente como o sol por uma vidraça. Entre os camaradas, nos pátios dos colégios, erguendo a sua espada de lata e lançando um brado de comando, foi logo o vencedor, o rei que se adula e a quem se cede a fruta das merendas. Na idade em que se lê Balzac e Musset, nunca atravessou os tormentos da sensibilidade; nem crepúsculos quentes o retiveram na solidão de uma janela, padecendo de um desejo sem forma e sem nome. Todos os seus amigos (éramos três, contando o seu velho

escudeiro preto, o Grilo) lhe conservaram sempre amizades puras e certas — sem que jamais a participação do seu luxo as avivasse ou fossem desanimadas pelas evidências do seu egoísmo. Sem coração bastante forte para conceber um amor forte, e contente com esta incapacidade que o libertava, do amor só experimentou o mel — esse mel que o amor reserva aos que o recolhem, à maneira das abelhas, com ligeireza, mobilidade e cantando. Rijo, rico, indiferente ao Estado e ao Governo dos Homens, nunca lhe conhecemos outra ambição além de compreender bem as Ideias Gerais; e a sua inteligência, nos anos alegres de escolas e controvérsias, circulava dentro das Filosofias mais densas como enguia lustrosa na água limpa de um tanque. O seu valor, genuíno, de fino quilate, nunca foi desconhecido, nem desapreciado; e toda a opinião, ou mera facécia que lançasse, logo encontrava uma aragem de simpatia e concordância que a erguia, a mantinha embalada e rebrilhando nas alturas. Era servido pelas coisas com docilidade e carinho; e não recorro que jamais lhe estalasse um botão da camisa, ou que um papel maliciosamente se escondesse dos seus olhos, ou que perante a sua vivacidade e pressa uma gaveta pífida emperrasse. Quando um dia, rindo com descrido riso da Fortuna e da sua Roda, comprou a um sacristão espanhol um Décimo de Lotaria, logo a Fortuna, ligeira e ridente sobre a sua Roda, correu num fulgor, para lhe trazer quatrocentas mil pesetas. E no céu as nuvens, pejudas e lentas, se avistavam Jacinto sem guarda-chuva, retinham com reverência as suas águas até que ele passasse... Ah! O âmbar e o funcho da Sra. D. Angelina tinham escorraçado do seu destino, bem triunfalmente e

para sempre, a *Sorte Ruim!* A amorável avó (que eu conheci obesa, com barba) costumava citar um soneto natalício do desembargador Nunes Velho contendo um verso de boa lição:

Sabei, senhora, que esta Vida é um rio...

Pois um rio de verão, manso, translúcido, harmoniosamente estendido sobre uma areia macia e alva, por entre arvoredos fragrantes e ditosas aldeias, não ofereceria àquele que o descesse num barco de cedro, bem toldado e bem almofadado, com frutas e champanhe a refrescar em gelo, um Anjo governando ao leme, outros Anjos puxando à sirga, mais segurança e doçura do que a Vida oferecia ao meu amigo Jacinto.

Por isso nós lhe chamávamos «o Príncipe da Grã-Ventura»!

* * *

Jacinto e eu, José Fernandes, ambos nos encontramos e acamaradamos em Paris, nas Escolas do Bairro Latino — para onde me mandara meu bom tio Afonso Fernandes Lorena de Noronha e Sande, quando aqueles malvados me riscaram da Universidade por eu ter esborrachado, numa tarde de procissão, na Sofia, a cara sórdida do Dr. Pais Pita.

Ora nesse tempo Jacinto concebera uma Ideia... Este Príncipe concebera a Ideia de que «o homem só é superiormente feliz quando é superiormente civilizado». E por homem civilizado o meu camarada entendia aquele que, robustecendo a sua força pensante com todas as noções adquiridas desde Aristóteles, e multiplicando a potência

corporal dos seus órgãos com todos os mecanismos inventados deste Terâmenes, criador da roda, se torna um magnífico Adão, quase onnipotente, quase omnisciente, e apto portanto a recolher dentro de uma sociedade e nos limites do Progresso (tal como ele se comportava em 1875) todos os gozos e todos os proveitos que resultam de Saber e de Poder... Pelo menos assim Jacinto formulava copiosamente a sua Ideia, quando conversávamos de fins e destinos humanos, sorvendo *bocks* poeirentos, sob o toldo das cervejarias filosóficas, no Boulevard Saint-Michel.

Este conceito de Jacinto impressionara os nossos camaradas de cenáculo, que, tendo surgido para a vida intelectual, de 1866 a 1875, entre a Batalha de Sadova e a Batalha de Sedan, e ouvindo constantemente, desde então, aos técnicos e aos filósofos, que fora a Espingarda-de-agulha que vencera em Sadova e fora o Mestre-de-escola quem vencera em Sedan, estavam largamente preparados a acreditar que a felicidade dos indivíduos, como a das nações, se realiza pelo ilimitado desenvolvimento da Mecânica e da Erudição. Um desses rapazes mesmo, o nosso inventivo Jorge Carlande, reduzira a teoria de Jacinto, para lhe facilitar a circulação e lhe condensar o brilho, a uma forma algébrica:

$$\left. \begin{array}{l} \text{Suma ciência} \\ \times \\ \text{Suma potência} \end{array} \right\} = \text{Suma felicidade}$$

E durante dias, do Odéon à Sorbonne, foi louvada pela mocidade positiva a *Equação Metafísica de Jacinto*.

Para Jacinto, porém, o seu conceito não era meramente metafísico e lançado pelo gozo elegante de exercer a razão especulativa — mas constituía uma regra, toda de realidade e de utilidade, determinando a conduta, modalizando a vida. E já a esse tempo, em concordância com o seu preceito, ele se sortira da *Pequena Enciclopédia dos Conhecimentos Universais* em setenta e cinco volumes e instalara, sobre os telhados do 202, num mirante envidraçado, um telescópio. Justamente com esse telescópio me tornou ele palpável a sua ideia, numa noite de agosto, de mole e dormente calor. Nos céus remotos lampejavam relâmpagos lânguidos. Pela Avenida dos Campos Elísios, os fiacres rolavam para as frescuras do Bosque, lentos, abertos, cansados, transbordando de vestidos claros.

— Aqui tens tu, Zé Fernandes — começou Jacinto, encostado à janela do mirante —, a teoria que me governa, bem comprovada. Com estes olhos que recebemos da Madre Natureza, lestos e sãos, nós podemos apenas distinguir além, através da avenida, naquela loja, uma vidraça iluminada. Mais nada! Se eu porém aos meus olhos juntar os dois vidros simples de um binóculo de corridas, percebo, por trás da vidraça, presuntos, queijos, boiões de geleia e caixas de ameixa seca. Concluo portanto que é uma mercearia. Obtive uma noção: tenho sobre ti, que com os olhos desarmados vês só o luzir da vidraça, uma vantagem positiva. Se agora, em vez destes vidros simples, eu usasse os do meu telescópio, de composição mais científica, poderia avistar além, no planeta Marte, os mares, as neves, os canais, o recorte dos golfos, toda a geografia de um astro que circula a milhares de léguas dos

Campos Elísios. É outra noção, e tremenda! Tens aqui pois o olho primitivo, o da Natureza, elevado pela Civilização à sua máxima potência de visão. E desde já, pelo lado do olho portanto, eu, civilizado, sou mais feliz que o incivilizado, porque descubro realidades do Universo que ele não suspeita e de que está privado. Aplica esta prova a todos os órgãos e compreendes o meu princípio. Enquanto à inteligência, e à felicidade que dela se tira pela incansável acumulação das noções, só te peço que compares Renan e o Grilo... Claro é portanto que nos devemos cercar de Civilização nas máximas proporções para gozar nas máximas proporções a vantagem de viver. Agora concordas, Zé Fernandes?

Não me parecia irrecusavelmente certo que Renan fosse mais feliz que o Grilo; nem eu percebia que vantagem espiritual ou temporal se colha em distinguir através do espaço manchas num astro, ou, através da Avenida dos Campos Elísios, presuntos numa vidraça. Mas concordei, porque sou bom, e nunca desalojarei um espírito do conceito onde ele encontra segurança, disciplina e motivo de energia. Desabotoei o colete, e lançando um gesto para o lado do café e das luzes:

— Vamos então beber, nas máximas proporções, *brandy and soda*, com gelo!

Por uma conclusão bem natural, a ideia de Civilização, para Jacinto, não se separava da imagem de Cidade, de uma enorme Cidade, com todos os seus vastos órgãos funcionando poderosamente. Nem este meu supercivilizado amigo compreendia que longe de armazéns servidos por três mil caixeiros; e de Mercados onde se despejam os vergéis

e lezírias de trinta províncias; e de Bancos em que retine o ouro universal; e de Fábricas fumegando com ânsia, inventando com ânsia; e de Bibliotecas abarrotadas, a estalar, com a papelada dos séculos; e de fundas milhas de ruas, cortadas, por baixo e por cima, de fios de telégrafos, de fios de telefones, de canos de gases, de canos de fezes; e da fila atroante dos ônibus, *tramways*, carroças, velocípedes, calhambeques, parelhas de luxo; e de dois milhões de uma vaga humanidade, fervilhando, a ofegar, através da Polícia, na busca dura do pão ou sob a ilusão do gozo — o homem do século XIX pudesse saborear, plenamente, a delícia de viver!

Quando Jacinto, no seu quarto do 202, com as varandas abertas sobre os lilases, me desenrolava estas imagens, todo ele crescia, iluminado.

— Que criação augusta, a da Cidade! Só por ela, Zé Fernandes, só por ela, pode o homem soberbamente afirmar a sua alma!...

— Oh Jacinto, e a religião? Pois a religião não prova a alma?

Ele encolhia os ombros. A religião! A religião é o desenvolvimento sumptuoso de um instinto rudimentar, comum a todos os brutos, o terror. Um cão lambendo a mão do dono, de quem lhe vem o osso ou o chicote, já constitui toscamente um devoto, o consciente devoto, prostrado em rezas ante o Deus que distribui o Céu ou o Inferno!... Mas o telefone! O fonógrafo!

— Aí tens tu, o fonógrafo!... Só o fonógrafo, Zé Fernandes, me faz verdadeiramente sentir a minha superioridade de ser pensante e me separa do bicho. Acredita, não há senão a Cidade, Zé Fernandes, não há senão a Cidade!

E depois — acrescentava — só a Cidade lhe dava a sensação, tão necessária à vida como o calor, da solidariedade humana. E no 202, quando considerava em redor, nas densas massas do casario de Paris, dois milhões de seres arquejando na obra da Civilização (para manter na natureza o domínio dos Jacintos!), sentia um sossego, um conchego, só comparáveis ao do peregrino, que, ao atravessar o deserto, se ergue no seu dromedário e avista a longa fila da caravana marchando, cheia de lumes e de armas...

Eu murmurava, impressionado:

— Caramba!

Ao contrário no campo, entre a inconsciência e a impassibilidade da Natureza, ele tremia com o terror da sua fragilidade e da sua solidão. Estava aí como perdido num mundo que lhe não fosse fraternal; nenhum silvado encolheria os espinhos para que ele passasse; se gemesse com fome, nenhuma árvore, por mais carregada, lhe estenderia o seu fruto na ponta compassiva de um ramo. Depois, em meio da Natureza, ele assistia à súbita e humilhante inutilização de todas as suas faculdades superiores. De que servia, entre plantas e bichos — ser um Génio ou ser um Santo? As searas não compreendem as *Geórgicas*; e fora necessário o socorro ansioso de Deus, e a inversão de todas as leis naturais, e um violento milagre para que o lobo de Gubbio não devorasse S. Francisco de Assis, que lhe sorria e lhe estendia os braços e lhe chamava «meu irmão lobo»! Toda a intelectualidade, nos campos, se esteriliza, e só resta a bestialidade! Nesses reinos crassos do Vegetal e do Animal duas únicas funções se mantêm vivas, a nutritiva e a procriadora. Isolada, sem

ocupação, entre focinhos e raízes que não cessam de sugar e de pastar, sufocando no cálido bafo da universal fecundação, a sua pobre alma toda se engelhava, se reduzia a uma migalha de alma, uma fagulhazinha espiritual a tremeluzir, como morta, sobre um naco de matéria; e nessa matéria dois instintos surdiam, imperiosos e pungentes — o de devorar e o de gerar. Ao cabo de uma semana rural, de todo o seu ser tão nobremente composto só restava um estômago e por baixo um falo! A alma? Sumida sob a besta. E necessitava correr, reentrar na Cidade, mergulhar nas ondas lustrais da Civilização, para largar nelas a crosta vegetativa, e ressurgir reumanizado, de novo espiritual e Jacíntico!

E estas requintadas metáforas do meu amigo exprimiam sentimentos reais — que eu testemunhei, que muito me divertiram, no único passeio que fizemos ao campo, à bem amável e bem sociável floresta de Montmorency. Oh delícias de entremez, Jacinto entre a Natureza! Logo que se afastava dos pavimentos de madeira, do macadame, qualquer chão que os seus pés calcassem o enchia de desconfiança e terror. Toda a relva, por mais crestada, lhe parecia ressumar uma humidade mortal. De sob cada torrão, da sombra de cada pedra, receava o assalto de lacraus, de víboras, de formas rastejantes e viscosas. No silêncio do bosque sentia um lúgubre despovoamento do Universo. Não tolerava a familiaridade dos galhos que lhe roçassem a manga ou a face. Saltar uma sebe era para ele um ato degradante que o retrogradava ao macaco inicial. Todas as flores que não tivesse já encontrado em jardins, domesticadas por longos séculos de servidão ornamental, o inquietavam como venenosas. E considerava

de uma melancolia funambulesca certos modos e formas do Ser inanimado, a pressa esperta e vã dos regatinhos, a careca dos rochedos, todas as contorções do arvoredo e o seu resmungar solene e tonto.

Depois de uma hora, naquele honesto bosque de Montmorency, o meu pobre amigo abafava, apavorado, experimentando já esse lento minguar e sumir de alma que o tornava como um bicho entre bichos. Só desanuviou quando penetrámos no lajedo e no gás de Paris — e a nossa vitória quase se despedaçou contra um ônibus retumbante, atulhado de cidadãos. Mandou descer pelos Boulevards, para dissipar, na sua grossa sociabilidade, aquela materialização em que sentia a cabeça pesada e vaga como a de um boi. E reclamou que eu o acompanhasse ao teatro das Variedades para sacudir, com os estribilhos da *Femme à Papa*, o rumor importuno que lhe ficara dos melros cantando nos choupos altos.

Este delicioso Jacinto fizera então vinte e três anos, e era um soberbo rapaz em quem reaparecera a força dos velhos Jacintos rurais. Só pelo nariz, afilado, com narinas quase transparentes, de uma mobilidade inquieta, como se andasse fariscando perfumes, pertencia às delicadezas do século XIX. O cabelo ainda se conservava, ao modo das eras rudes, crespo e quase lanígero: e o bigode, como o de um celta, caía em fios sedosos, que ele necessitava aparar e frisar. Todo o seu fato, as espessas gravatas de cetim escuro que uma pérola prendia, as luvas de anta branca, o verniz das botas, vinham de Londres em caixotes de cedro; e usava sempre ao peito uma flor, não natural, mas composta destramente

pela sua ramalheteira com pétalas de flores dissemelhantes, cravo, azálea, orquídea ou tília, fundidas na mesma haste entre uma leve folhagem de funcho.

* * *

Em 1880, em fevereiro, numa cinzenta e arrepiada manhã de chuva, recebi uma carta de meu bom tio Afonso Fernandes, em que, depois de lamentações sobre os seus setenta anos, os seus males hemorroidais, e a pesada gerência dos seus bens «que pedia homem mais novo, com pernas mais rijas», me ordenava que recolhesse à nossa casa de Guiães, no Douro! Encostado ao mármore partido do fogão, onde na véspera a minha Nini deixara um espartilho embrulhado no *Jornal dos Debates*, censurei severamente meu tio que assim cortava em botão, antes de desabrochar, a flor do meu Saber Jurídico. Depois num *post scriptum*, ele acrescentava: «O tempo aqui está lindo, o que se pode chamar de rosas, e tua santa tia muito recomenda, que anda lá pela cozinha, porque vai hoje em trinta e seis anos que casámos, temos cá o abade e o Quintais a jantar, e ela quis fazer uma sopa dourada.»

Deitando uma acha ao lume, pensei como devia estar boa a sopa dourada da tia Vicência. Há quantos anos não a provava, nem o leitão assado, nem o arroz de forno da nossa casa! Com o tempo assim tão lindo, já as mimosas do nosso pátio vergariam sob os seus grandes cachos amarelos. Um pedaço de céu azul, do azul de Guiães, que outro não há tão lustroso e macio, entrou pelo quarto, alumiou, sobre a puída tristeza do tapete, relvas, ribeirinhos, malmequeres e flores

de trevo de que meus olhos andavam aguados. E, por entre as bambinelas de sarja, passou um ar fino e forte e cheiroso de serra e de pinheiral.

Assobiando um *fado* meigo tirei debaixo da cama a minha velha mala, e meti sollicitamente entre calças e peúgas um *Tratado de Direito Civil*, para aprender enfim, nos vagares da aldeia, estendido sob a faia, as leis que regem os homens. Depois, nessa tarde, anunciei a Jacinto que partia para Guiães. O meu camarada recuou com um surdo gemido de espanto e piedade:

— Para Guiães!... Oh Zé Fernandes, que horror!

E toda essa semana me lembrou sollicitamente confortos de que eu me deveria prover para que pudesse conservar, nos ermos silvestres, tão longe da Cidade, uma pouca de alma dentro de um pouco de corpo. «Leva uma poltrona! Leva a *Enciclopédia Geral!* Leva caixas de aspargos!...»

Mas para o meu Jacinto, desde que assim me arrancavam da Cidade, eu era arbusto desarraigado que não reviverá. A mágoa com que me acompanhou ao comboio conviria excelentemente ao meu funeral. E quando fechou sobre mim a portinhola, gravemente, supremamente, como se cerra uma grade de sepultura, eu quase soluzei — com saudades minhas.

Ceguei a Guiães. Ainda restavam flores nas mimosas do nosso pátio; comi com delícias a sopa dourada da tia Vicência; de tamancos nos pés assisti à ceifa dos milhos. E assim de colheitas a lavras, crestando ao sol das eiras, caçando a perdiz nos matos geados, rachando a melancia fresca na poeira dos arraiais, arranchando a magustos, serandando

à candeia, atiçando fogueiras de S. João, enfeitando presépios de Natal, por ali me passaram docemente sete anos, tão atarefados que nunca logrei abrir o *Tratado de Direito Civil*, e tão singelos que apenas me recordo quando, em vésperas de S. Nicolau, o abade caiu da égua à porta do Brás das Cortes. De Jacinto só recebia raramente algumas linhas, escritas à pressa por entre o tumulto da Civilização. Depois, num setembro muito quente, ao lidar da vindima, meu bom tio Afonso Fernandes morreu, tão quietamente, Deus seja louvado por esta graça, como se cala um passarinho ao fim do seu bem cantado e bem voado dia. Acabei pela aldeia a roupa do luto. A minha afillhada Joaninha casou na matança do porco. Andaram obras no nosso telhado. Voltei a Paris.

Uma obra magnífica de Eça de Queirós.

Neste romance é-nos contada a história de Jacinto, um jovem português, oriundo de uma família abastada, que vive em Paris rodeado de todos os luxos, das mais recentes descobertas da ciência e da mais moderna tecnologia. Tudo à sua volta está «abarrotado de Civilização», mas a sua insatisfação e o seu aborrecimento são permanentes.

Até que decide ir até Tormes, terra natal dos seus antepassados. Para a viagem da capital francesa até à província portuguesa, são preparadas dezenas de caixotes e malas, mas inesperadamente acaba por chegar sem nada. Este acaso vai permitir-lhe experimentar as coisas simples da vida e é então que ocorre uma mudança profunda: privado das coisas materiais, o seu lado humano floresce e Jacinto torna-se uma pessoa diferente.

«Um belo livro para descobrir Eça de Queirós no final da sua vida. Um romance que, neste tempo confuso, incerto e cada vez mais dividido entre a tecnologia e as coisas simples do quotidiano, mantém intacta a sua atualidade temática, sempre servida por um estilo de escrita único e inultrapassável. Para ler e reler.»

in Prefácio de José Jorge Letria

A **Colecção Tesouros da Literatura**, da qual este livro faz parte, oferece uma cuidada seleção de obras fundamentais da Literatura Universal, muitas das quais são recomendadas pelas **Metas Curriculares de Português** e pelo **Plano Nacional de Leitura**.



 <p>20 20 editora</p>	<p>ISBN 978-989-668-777-9</p> <p>15+</p>  <p>9 789896 687779</p> <p>Literatura Juvenil</p>
--	---